

LIÇÃO 3 - O que é a Essência. As Coisas às Quais Ela Pertence

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 4: 1029b 12-1030a 17

“ 578. E primeiro façamos alguns comentários dialéticos sobre a essência de uma coisa, porque a essência de cada coisa é o que cada uma é dita ser essencialmente (*per se*). Pois ser tu não é ser musical, porque tu não és musical essencialmente. Portanto, a tua essência é o que tu és dito ser essencialmente.

579. Mas nem mesmo tudo isso é a essência de uma coisa; pois a essência de uma coisa não é o que é predicado dela essencialmente da maneira como branco é predicado de superfície, porque ser uma superfície não é ser branco. Nem é a essência de uma coisa o composto dos dois, ou seja, ser uma superfície branca. Por quê? Porque branco inere na superfície. Portanto, o conceito (ou fórmula) que expressa o que cada coisa é, mas não contém a própria coisa, é o conceito de sua essência. Logo, se ser uma superfície branca é sempre ser uma superfície lisa, então ser branco e ser liso serão uma e a mesma coisa.

580. Ora, visto que também há compostos no caso das outras categorias, pois há algum sujeito de cada uma, por exemplo, de quantidade, qualidade, quando, onde e movimento, é portanto necessário investigar se há um conceito da essência de cada uma delas, e se essa essência se encontra nelas, por exemplo, se a essência de homem branco se encontra em homem branco. Agora, que o nome deste composto seja vestimenta. Qual é a essência de vestimenta?

581. Mas nem isso é um daqueles termos que são predicados essencialmente. Ora, há duas maneiras pelas quais um termo pode ser predicado de modo não essencial de um sujeito: uma delas é por adição, e a outra não. Pois, em um caso, o termo é predicado da coisa definida porque o termo é adicionado a algo mais. Por exemplo, se ao definir branco alguém desse o conceito de homem branco. E no outro caso, é assim predicado porque algum outro termo é adicionado ao sujeito; por exemplo, se a palavra vestimenta significasse homem branco, e alguém definisse uma vestimenta como branca, então um homem

branco seria algo branco, ainda assim sua essência não consistiria em ser branco, mas em ser uma vestimenta. Portanto, a essência é o que uma coisa de um tipo definido é, quer expresse essa coisa total ou parcialmente. Ora, a essência de uma coisa é o que uma coisa é. Mas quando algo é predicado de outro, isso não é alguma coisa definida; por exemplo, homem branco não é realmente uma coisa definida, i.e., se ser uma coisa definida pertence apenas às substâncias. Logo, a essência pertence àquelas coisas cujo conceito é uma definição. Ora, não há definição se o nome significa a mesma coisa que o conceito; pois então todos os conceitos seriam termos limitantes, porque o nome de qualquer conceito seria o mesmo. Portanto, até a Ilíada será uma definição. Mas há definição se o conceito é de alguma coisa primária. E tais coisas são aquelas que são predicadas sem predicar algo mais do sujeito. Assim, a essência não será encontrada em nenhuma daquelas coisas que não são espécies de um gênero, mas apenas nestas; pois parece que estas coisas não são predicadas segundo participação e afecção, ou como um acidente. Mas de cada uma das outras coisas, se tiver um nome, haverá um conceito do que significa, a saber, que este acidente inere neste sujeito; ou, em vez de um termo simples, poder-se-á dar um mais definido; mas não haverá definição ou essência.

COMENTÁRIO

1306. Tendo resolvido a questão sobre a ordem a ser seguida no tratamento das substâncias, o Filósofo agora começa a resolver a questão sobre as substâncias sensíveis, conforme havia dito; e isso se divide em duas partes. Na primeira parte (578:C 1308), ele resolve a questão sobre a essência das substâncias sensíveis, usando argumentos dialéticos e comuns; e na segunda (691:C 101), considerando os princípios das substâncias sensíveis. Ele faz isso no Livro VIII ("É necessário, então").

A primeira parte se divide em dois membros. No primeiro, ele indica o tipo de essência que as substâncias sensíveis têm. No segundo (682:C 1648), ele mostra que esse tipo de essência possui o papel de princípio e causa ("Mas declaremos").

A primeira parte se divide em duas. Na primeira, ele resolve a questão sobre as essências das substâncias sensíveis. Na segunda (650:C 1566), ele mostra que os universais não são as substâncias das coisas sensíveis, como alguns disseram ("Mas visto que nossa investigação").

1307. A primeira parte se divide em duas. Na primeira, ele mostra que tipo de substâncias as coisas sensíveis possuem. Na segunda (622:C 1460), ele mostra que partes constituem sua substância ("Mas visto que a definição").

A primeira parte se divide em duas. Na primeira, ele investiga o tipo de essência que as substâncias sensíveis têm. Na segunda (598:C 1381), ele indaga sobre as causas de sua geração ("Agora, daquelas coisas").

A primeira parte se divide em duas. Na primeira, ele mostra o que constitui a essência das substâncias sensíveis; e na segunda (588:C 1356), ele mostra como a essência se relaciona com as substâncias sensíveis, ou seja, se é a mesma que essas substâncias ou diferente (“Além disso, é necessário”).

A primeira parte se divide em duas. Na primeira, ele mostra o que é a essência. Na segunda (580:C 1315), ele indica a quais coisas ela pertence (“Visto que existem”).

Em relação ao primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro (578), ele afasta da essência de uma coisa qualquer termo que é predicado acidentalmente; e segundo (579:C 1311), qualquer termo que é predicado essencialmente (*per se*) da maneira como as propriedades são predicadas de um sujeito (“Mas nem tudo”).

1308. Ele diz, primeiro (578), então, que é necessário primeiro falar sobre substâncias sensíveis e mostrar qual é sua essência. Portanto, façamos primeiro alguns comentários dialéticos sobre a essência de uma coisa; pois esta ciência tem uma conexão com a dialética, como foi dito acima (311:C 574), porque ambas são universais. Logo, o método dialético é próprio desta ciência, e é apropriado que ela comece com o método dialético. Mas ele diz que vai tratar da essência de uma maneira que é principalmente dialética na medida em que ele investiga o que é a essência a partir do modo de predicar termos de um sujeito; pois isso pertence propriamente à dialética.

1309. Quanto à essência, deve-se antes de tudo ter em mente que ela deve ser predicada de uma coisa essencialmente; pois aquelas coisas que são predicadas de uma coisa acidentalmente não pertencem à sua essência. Pois pela essência de uma coisa entendemos a resposta própria que pode ser dada à pergunta que indaga o que ela é. E quando perguntamos o que uma coisa é, não podemos dar uma resposta própria mencionando atributos que lhe pertencem acidentalmente; pois quando alguém pergunta o que é o homem, não se pode responder que ele é branco, ou está sentado, ou é músico. Portanto, nenhum daqueles atributos que são predicados de uma coisa acidentalmente pertencem à sua essência; pois ser você não é ser músico.

1310. Agora, ao longo de toda a discussão seguinte, deve-se notar que pelas frases *ser isto* ou *ser esta coisa* ele entende a essência de uma coisa; por exemplo, por *ser homem* ou *ser homem* ele entende o que pertence à essência do homem. Ora, a quiddidade de “ser músico”, i.e., a própria essência de músico, nada tem a ver com a sua quiddidade. Pois se alguém perguntasse o que você é, não se poderia responder que você é músico. Daí segue-se que ser você não é ser músico, porque aquelas coisas que pertencem à quiddidade da música são extrínsecas à sua quiddidade, embora músico possa ser predicado de você. E isso é assim porque “você não é músico essencialmente”, visto que músico não é predicado de você essencialmente, mas acidentalmente. Portanto, o que você é “essencialmente” pertence à sua quiddidade, porque é predicado de você essencialmente e não acidentalmente; por exemplo, homem, animal, substância, racional, sensível, e outros atributos deste tipo, todos os quais pertencem à sua quiddidade, são predicados de você essencialmente.

1311. Mas nem tudo (579).

Ele exclui da quiddidade de uma coisa qualquer atributo que é predicado essencialmente como as propriedades são predicadas dos sujeitos. Ele diz que nem tudo que é predicado essencialmente de uma coisa pertence à sua essência. Pois uma propriedade é predicada essencialmente de seu sujeito próprio, assim como a cor é predicada da superfície. No entanto, a essência de uma coisa não é algo que se encontra em uma coisa essencialmente da maneira que o branco se encontra na superfície; porque “ser uma superfície” não é “ser branco”; i.e., a quiddidade da superfície não é a da brancura; pois a quiddidade da superfície difere daquela da brancura.

1312. E não só ser branco não é a quiddidade da superfície, mas também a combinação dos dois, a saber, de superfície e brancura, i.e., ser uma superfície branca, ou ser uma superfície branca. Pois a quiddidade ou essência da superfície branca não é a quiddidade ou essência da superfície. E se nos perguntassem por que, poderíamos responder: “Porque o branco inere na superfície”, i.e., porque quando digo “superfície branca” quero dizer algo que adere à superfície como extrínseco à sua essência e não como intrínseco à sua essência. Logo, este todo que é superfície branca não é idêntico à essência da superfície.

1313. Ora, as propriedades são predicadas de seus sujeitos próprios desta maneira porque seus sujeitos próprios são dados em suas definições, como nariz é dado na definição de chato e número na definição de igual. E certos atributos são predicados essencialmente de tal modo que os sujeitos não são incluídos em suas definições, como animal é predicado essencialmente de homem, mas homem não é incluído na definição de animal. Portanto, visto que aqueles atributos que são predicados acidentalmente não pertencem à quiddidade de uma coisa, e também não pertencem aqueles que são predicados essencialmente em cujas definições os sujeitos são dados, segue-se que aqueles atributos pertencem à quiddidade de uma coisa em cujas definições os sujeitos não são dados. Daí ele tira sua conclusão, dizendo que o conceito “que expressa o que cada coisa é”, i.e., que descreve o predicado, “mas não contém a própria coisa”, i.e., o sujeito, será o conceito da essência em cada coisa particular. Logo, animal pertence à essência do homem.

1314. Por uma redução ao absurdo, ele prova que aquelas coisas que são predicadas essencialmente de uma coisa como uma propriedade é predicada de um sujeito, não pertencem à quiddidade de uma coisa. Pois muitas propriedades diferentes podem ser predicadas essencialmente do mesmo sujeito, como as propriedades colorido, áspero e liso, que são atributos próprios da superfície, são predicadas essencialmente de um sujeito. E é pela mesma razão que todos os predicados deste tipo pertencem à quiddidade de seu sujeito. Portanto, se a brancura pertence à quiddidade da superfície, também, por uma razão similar, a lisura pertencerá; pois coisas idênticas a uma terceira coisa são idênticas entre si. “Logo, se ser uma superfície branca é sempre ser uma superfície lisa”, i.e., se é verdadeiro sempre e universalmente que a quiddidade de uma propriedade é a mesma que a de seu sujeito próprio, segue-se que ser branco e ser liso serão “uma só e mesma coisa”, i.e., a quiddidade da brancura e a da lisura serão uma só e a mesma. Mas isso é obviamente falso. Portanto, segue-se que a essência de uma propriedade e a de seu sujeito não são uma só e mesma coisa.

1315. Ora, como existem compostos (580).

Ele investiga a quais coisas pertence a essência. Primeiro, levanta a questão; e, em segundo lugar (581:C 1318), responde-a (“Mas nem isso”).

Ele diz, portanto, primeiramente (580), que existem certos compostos no caso das outras categorias, e não apenas no da substância. Ele diz isso porque está investigando a quididade das substâncias sensíveis, que são compostas. Pois, assim como as substâncias sensíveis compostas têm matéria, que é o sujeito das formas substanciais, também as outras categorias têm seu próprio sujeito. Pois há algum sujeito de cada uma delas, a saber, da qualidade, quantidade, quando, onde, e também do movimento, no qual estão incluídos tanto a ação quanto a paixão. Portanto, assim como o fogo é um composto de matéria e forma substancial, de modo semelhante há um tipo de composição de substância e acidentes.

1316. Portanto, visto que existe uma definição das substâncias que são compostas de matérias e formas, devemos também investigar se há "um conceito da essência" de todas aquelas coisas que são compostas de acidentes e sujeitos, isto é, se elas têm uma definição que é um conceito significando sua essência; e também se "esta essência", que a definição significa, lhes é intrínseca, ou seja, se elas têm uma quididade ou algo que possa responder à pergunta "O quê?". Por exemplo, homem branco é um composto de sujeito e acidente. A questão, então, é se há uma essência de homem branco enquanto tal.

1317. E porque alguém poderia talvez dizer que homem branco são duas coisas e não uma, ele acrescenta que homem branco poderia ter um nome único, digamos, vestimenta. A questão sobre esta coisa única, então, i.e., vestimenta, será se ela tem alguma "oquidade", de modo que possamos perguntar: "Qual é a essência de uma vestimenta?". Pois então, assim como a palavra homem significa algum composto, a saber, animal racional, de modo semelhante a palavra vestimenta significa algum composto, a saber, homem branco. E, assim, assim como homem tem uma definição, de modo semelhante parece que vestimenta pode ter uma definição.

1318. Mas nem isso (581).

Aqui ele responde à questão precedente; e esta parte é dividida duplamente na medida em que ele dá duas soluções. A segunda parte (582:C 1331) começa onde ele diz: "Ou outra solução".

Ele diz, primeiro (581), então, que homem branco, ou vestimenta, que se supõe significar "homem branco", não é um daqueles termos que são predicados essencialmente, mas sim um daqueles que são predicados acidentalmente; pois a quididade "homem branco" é uma coisa acidentalmente e não essencialmente, como foi dito acima (C 1313-14).

1319. Ora, há dois modos pelos quais uma coisa é dita acidentalmente ou não essencialmente: primeiro, no sentido em que dizemos "O homem é branco", e segundo, no sentido em que dizemos "Esta coisa branca é homem"; porque um destes é definido por adição, enquanto o outro não. Pois na definição de homem não é necessário incluir a definição de branco ou a palavra branco, mas na definição de branco é necessário incluir homem, ou a palavra homem, ou sua definição, desde que homem seja o sujeito próprio de branco, ou qualquer que seja seu sujeito próprio.

1320. Ora, para explicar isso, ele acrescenta que quando uma coisa é predicada de outra de modo não essencial, ela é adicionada à outra, porque um acidente é adicionado ao sujeito dado na definição desse acidente quando ele é definido; por exemplo, se alguém definisse coisa branca, teria que expressar o conceito homem branco, porque na definição de um acidente é necessário

incluir seu sujeito. E então a definição inclui homem branco; e assim será, por assim dizer, o conceito de homem branco e não o conceito de branco apenas. Isso deve ser entendido como sendo o caso, como já foi dito, se homem é o sujeito próprio e essencial de branco. Mas um é adicionado ao outro acidentalmente, não porque é adicionado à definição do outro, mas porque o outro é adicionado a ele em sua própria definição, como branco é adicionado a homem acidentalmente, não porque é colocado na definição de homem, mas porque homem é colocado na definição de branco. Portanto, se por suposição a palavra vestimenta significa homem branco, então qualquer um que defina vestimenta deve defini-la da mesma forma que branco é definido; pois assim como homem e branco devem ser dados na definição de vestimenta, também cada um deve ser dado na definição de branco.

1321. É claro, então, a partir do que foi dito, que branco é predicado de homem; pois a proposição "Um homem branco é branco" é verdadeira, e vice-versa. No entanto, a essência de homem branco não é a de branco; e nem é a essência de vestimenta, que significa o composto homem branco, como foi dito. Assim, é evidente que a essência de branco e a de homem branco, ou "vestimenta", não podem ser as mesmas, pelo fato de que, se branco também é predicado de homem branco, ainda assim não é sua "oquidade".

1322. Também é evidente que, se branco tem uma essência e definição, ela não tem uma diferente daquela que pertence a homem branco; pois, visto que um sujeito é incluído na definição de um acidente, branco deve ser definido da mesma forma que homem branco é, como foi dito. Isso é esclarecido da seguinte forma: branco não tem uma quiddidade, mas apenas a coisa da qual é predicado, homem ou homem branco. E é isso que ele quer dizer quando afirma: "Portanto, a essência é o que uma coisa de um tipo definido é, quer expresse aquela coisa totalmente ou não"; i.e., do que já foi dito segue-se que a essência pertence apenas a alguma coisa definida, quer expresse "aquela coisa totalmente", i.e., o composto, como homem branco, ou não, como homem. Mas branco não significa que é alguma coisa definida, mas que é de algum tipo.

1323. O fato de que a essência pertence apenas a alguma coisa definida é mostrado da seguinte forma: a essência de uma coisa é o que aquela coisa é; pois ter uma essência significa ser alguma coisa definida. Portanto, aquelas coisas que não significam alguma coisa definida não têm uma essência. Mas quando algo é predicado de outro como um acidente é predicado de um sujeito, isso não é alguma coisa definida. Por exemplo, quando digo "O homem é branco" não significo que é alguma coisa definida, mas que é de algum tipo especial. Pois ser alguma coisa definida pertence apenas às substâncias. Daí é claro que brancura e coisas semelhantes não podem ter uma essência.

1324. Mas porque alguém poderia dizer que há conceitos de palavras significando acidentes assim como conceitos de palavras significando substância, ele conclui, portanto, que a essência não pertence a todas as coisas que têm qualquer tipo de conceito que explique seu nome, mas apenas àquelas cujo conceito é uma definição.

1325. Ora, o conceito de uma coisa não é definitivo se é meramente um conceito do tipo que significa a mesma coisa que um nome, como *portador de armas* significa a mesma coisa que *armaportador*, porque então se seguiria que todos os conceitos são "termos limitantes", i.e., definições. Pois um nome pode ser dado a qualquer conceito (por exemplo, um nome pode ser dado ao

conceito *homem andando* ou *homem escrevendo*), contudo não se segue por esta razão que estes são definições, porque de acordo com isso se seguiria que "até a *Ilíada*", i.e., o poema escrito sobre a guerra de Troia, seria uma definição; pois todo aquele poema é um relato único descrevendo a guerra de Troia. É claro, então, que nem todo conceito significando a mesma coisa que um nome é uma definição dele, mas apenas se o conceito "é de alguma coisa primária", i.e., se significa algo que é predicado essencialmente. Pois aquilo que é predicado essencialmente é primeiro na ordem da predicação.

1326. Mas tais coisas, ou seja, as primárias, são todas aquelas que são predicadas essencialmente, e tais coisas não implicam predicar uma coisa de outra; por exemplo, branco não é predicado essencialmente de homem como se o que é branco e o que é homem fossem o mesmo; mas são predicados um do outro acidentalmente. Pois animal é predicado de homem essencialmente, e de maneira semelhante, racional é predicado de animal. Portanto, a expressão *animal racional* é a definição de homem.

1327. Assim, fica claro que a essência não será encontrada em nenhuma daquelas coisas que não são classificadas entre as espécies de algum gênero, mas "nestas apenas", ou seja, nas espécies apenas. Pois apenas as espécies podem ser definidas, já que toda definição é composta de gênero e diferença. Mas aquilo que está contido sob um gênero e é constituído por diferenças é uma espécie e, portanto, a definição pertence apenas à espécie. Pois apenas as espécies parecem não ser predicadas segundo participação e afecção ou como um acidente.

1328. Nesta afirmação, ele rejeita três coisas que parecem tornar impossível que algo seja definido por um gênero. Pois, em primeiro lugar, aquelas coisas das quais um gênero é predicado por participação não podem ser definidas por meio desse gênero, a menos que ele pertença à essência da coisa definida; por exemplo, um ferro em brasa, do qual o fogo é predicado por participação, não é definido pelo fogo como seu gênero, porque o ferro, por sua própria essência, não é fogo, mas apenas participa em algum grau do fogo. No entanto, um gênero não é predicado de sua espécie por participação, mas essencialmente; pois o homem é animal essencialmente e não meramente algo que participa do animal, porque o homem é verdadeiramente um animal. Além disso, os sujeitos são predicados de suas propriedades, como nariz é predicado de chato, contudo a essência do nariz não é a essência do chato; pois as espécies não se relacionam com um gênero como uma propriedade desse gênero, mas como algo essencialmente idêntico a esse gênero. E branco pode ser predicado de homem acidentalmente, mas a essência do homem não é a essência do branco, assim como a essência de um gênero é a essência de sua espécie. Portanto, parece que apenas o conceito da espécie, que é constituído de gênero e diferença, é uma definição.

1329. Mas se um nome é dado a outras coisas, pode haver um conceito que expresse o que esse nome significa, e isso pode ocorrer de duas maneiras. Primeiro, isso ocorre quando um nome que é menos significativo é explicado por um que é mais significativo e é predicado dele, por exemplo, quando o nome filosofia é explicado pelo nome sabedoria. E este é o significado de sua afirmação de que "este acidente inere neste sujeito", ou seja, que às vezes o conceito que explica o nome é tomado a partir de um termo mais significativo que é predicado dele.

1330. E, segundo, isso ocorre quando uma frase mais significativa é usada para explicar um termo simples; por exemplo, quando a frase amante da sabedoria é tomada para explicar o termo filósofo. E isso é o que ele quer dizer quando afirma "ou no lugar de um termo simples", como se,

para explicar um termo simples, pudéssemos tomar "um mais definido". No entanto, tal conceito não será uma definição, nem a coisa significada por ele será uma essência.

Revision #2

Created 16 September 2026 22:11:44 by Admin

Updated 16 September 2026 22:25:35 by Admin